

Império Serrano: entre a nostalgia e o lugar de Memória.

ALESSANDRA TAVARES DE S. P. BARBOSA*

Resumo

A fundação do GRES¹ Império Serrano, em 1947 no morro da Serrinha², entrou na história local como um divisor de águas na relação da comunidade com o carnaval. O Império Serrano representante da ruptura de um modelo de carnaval que estava desagregando a vontade de lazer local adquire contornos de lugar de memória. A memória da confecção do carnaval nos primeiros anos, pós fundação da escola de samba, ganha caráter amalgamador no qual as sociabilidades tecem identidades, nas relações cotidianas dos moradores da região.

Palavras chave – Memória – Sociabilidade - Identidade.

Abstract:

The discourse on the founding of the Imperio Serrano, in 1947 the hill of Serrinha, entered in local history as a watershed in the relationship with the community carnival. The representative of the Imperio Serrano rupture of a type of carnival that was breaking down the will of local leisure, takes shape in place of memory. The memory of making the carnival in the early years after founding the school of samba, wins amalgamator character in which the sociability weave identities in everyday relationships of local residents.

Keywords - Memory - Sociability - Identity

* Mestranda em História Social – PPGHS-UERJ

¹ A escola de samba surgiu como Grêmio Recreativo e Esportivo.

² O Morro da Serrinha localiza-se em Madureira no subúrbio do Rio de Janeiro.

Historiadores de si.

Na fundação da Escola de Samba Império Serrano, encontramos um espaço irradiador de uma identidade local. Neste sentido entendemos a agremiação como um agente que através da memória de sua fundação referencia sua identidade. Desta forma a memória tece identidades, nas relações cotidianas dos moradores da região.

Em sua celebre discussão sobre história e memória, Pierre Nora (NORA, 1993) chama atenção para a aceleração da história. A morte do passado é decretada diante da percepção de uma aceleração, que aproxima o calor do vivido, há um tempo que alicerça a história e a memória. Impelida pela ruptura produzida pelo novo, a tradição, se encerra em mutismos diante do signo do terminado. Para o autor, estamos no momento de reflexão sobre os processos de cristalização da memória e o seu esfacelamento pela crescente ruptura com o passado.

Segundo Nora, memória e história são opositoras. A memória trabalha com o que existe emergindo da união do grupo ligado por ela, e a história seria a reconstrução relativa do que já não existe. A função da história seria destruir e repelir a memória (NORA, 1993:9). A história desconfia da espontaneidade da memória, levando ao surgimento dos “lugares de memória”, entendidos como surgidos “do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.” (NORA, 1993:13)

Nesse processo de aceleração Nora aponta para um encontro da história com a memória fruto de uma aproximação entre as categorias. No que se refere à história, este movimento se deu através da ampliação do seu campo de atuação, do seu diálogo com temáticas próximas a vida dos indivíduos. Em relação à memória, o autor sinaliza para a tendência historicista assumida por grupos da sociedade. Neste caso, a memória deixaria de ser vivida naturalmente por conta de uma espécie de impulso que levaria a repetição ao hábito, a comemoração com o objetivo de lembrar. A memória torna-se um dever, uma vez que através da recordação grupos sociais ancoram suas histórias e, por conseguinte encontram o lugar de definição ou redefinição de suas identidades, como uma busca constante de firmar o seu estar no mundo. Desta forma:

A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. (NORA:17)

Entre a nostalgia e o lugar de memória, grupos sociais, de maneira consciente ou não, se tornam historiadores de si mesmos. Assim, a memória exerce papéis diferenciados, entre a nostalgia de um tempo passado, e a vontade de memória na qual está fundeada a identidade de um grupo. A constituição de lugares de memória reconhece a existência de meios de memória, como foco onde esta irradie. Neste caso o Império Serrano, seria um meio de memória, no qual encontraríamos as manifestações necessárias para a consolidação de um lugar de memória.

A memória da fundação da Escola de Samba Império Serrano remonta ao papel exercido pelas famílias e de seus personagens. Nas casas das famílias, a memória das práticas culturais gerava uma coesão entre as famílias, e a comunidade. Suas práticas culturais eram como pontos de articulação interna na extensão das suas relações, onde laços eram estreitados e solidariedades eram firmadas. No extravasamento do cotidiano, e na preservação das suas práticas culturais, engendrando espaços de articulação social do morro e para fora dele.

O Samba do desfile não era aquele: o embate final.

Na quarta-feira de cinzas que se seguiu ao carnaval de 1946, no sopé do morro da Serrinha, a volta da bica que abastecia de água a comunidade, ouve-se o lamento. Sob o batuque ritmado na caixa de fósforos, o protesto é feito na forma de um samba que contava os acontecimentos daquele carnaval (VALENÇA e VALENÇA: 1981). Os episódios que entraram na memória dos integrantes da Escola de Samba Prazer da Serrinha, que levaram a “derrota” no campeonato das escolas de samba no Rio de Janeiro, são cantados no morro da Serrinha da seguinte forma:

*Quase que chorei
Quando a nossa escola desfilou
Senti grande emoção
Que meu coração quase parou
O samba do concurso não era aquele*

*Era um samba harmonioso
Que Mano Décio escreveu
Serra, dos meus sonhos dourados
A paz universal, reestabeleceu.³*

Na agenda festiva do morro da Serrinha, o carnaval mobilizava a comunidade com seus blocos diversos. No entanto, nos campeonatos de escolas de samba, a representante da região era a Escola de Samba Prazer da Serrinha. A quarta-feira de cinzas de 1946 marcou o início de um processo de ruptura, da relação dos moradores do morro da Serrinha com modelo de carnaval apresentado nos desfiles das escolas de samba no Rio de Janeiro. A cena emblemática que se desenrolou a volta da bica da Serrinha evidencia os impactos do carnaval na comunidade. Aquele carnaval entrou na memória dos moradores do morro da Serrinha como um divisor de águas. Foi o início do movimento de dissidência dos integrantes da Escola de Samba Prazer da Serrinha, que levou a fundação do GRES Império Serrano.

Após o carnaval de 1946 a atmosfera no morro da Serrinha é lembrada como um momento de decepção com o resultado do desfile. Para os membros da Escola de Samba Prazer da Serrinha era um campeonato no qual o morro da Serrinha se não levasse a vitória ficaria entre as primeiras colocadas no desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. No entanto, diante da administração de Alfredo Costa, descrito pelos componentes como sendo um presidente arbitrário, o resultado esperado não aconteceu. Sua ação naquele carnaval é narrada como o fator que levou a um resultado inesperado, o décimo primeiro lugar no campeonato das escolas de samba. Em depoimento uma das integrantes da escola de samba nos conta quais eram as expectativas e o desenrolar do carnaval de 1947, vejamos:

(..) nós aqui saímos na serrinha, no Prazer da Serrinha. Nós fizemos um carnaval Conferência da Paz, muito bom o carnaval. E nós tínhamos até plena certeza que podíamos não ser os campeões mas nós íamos ser classificados em algum lugar, vinha em algum lugar no desfile. Quando chegou o momento chegamos lá, era na Praça Onze (...) a Serrinha chegou entusiasmada os rapazes vestidos de alferes aquelas roupas bonitas, as meninas, nós todos esperando o samba que era da Conferência da Paz, o seu Alfredo Costa canta o samba de terreiro que não era o samba, um samba da quadra um samba comum..(NASCIMENTO:)

³ OLIVEIRA, Sebastião.[samba do Quase que chorei]. Rio de Janeiro.1947.

Para o carnaval de 1946, o tema escolhido foi o da Conferência de São Francisco⁴, com samba composto por Mano Décio da Viola e Silas de Oliveira. A intenção da escola de samba era fazer fantasias que seriam de acordo com o tema do samba, nesta direção a confecção do carnaval ficou pronta. Chegando à Praça Onze, onde aconteciam os desfiles, veio à tona a arbitrariedade de Alfredo Costa, após uma desavença com os compositores do samba. Com a escola preparada para iniciar o desfile a ordem da presidência da escola era de ignorar o samba que fora composto, trocando-o por outro, o Alto da Colina, deixando todos os componentes da escola de samba sem entender o que estava acontecendo, como nos conta Eulália do Nascimento, a tia Eulália:

E naquele momento ficamos todos indecisos esperando, olhando um para o outro, cadê o samba? Chorando! E a comissão... não tinha comissão naquele tempo[...] Seu Antero Dias ele estava na comissão e “ vamos passando, vamos passando” para a serrinha, a gente passando e chorando, cantando um samba que não era o samba do desfile. (NASCIMENTO)

O descontentamento com as arbitrariedades da administração de Alfredo Costa vinha se acumulando desde 1945, quando Mestre Fuleiro, em um momento de protesto quebrou as alegorias da ala a qual era diretor. O episódio da troca do samba enredo é descrito pelos integrantes da escola de samba Prazer da Serrinha como o fator que levou a uma colocação não merecida no campeonato de 1946. No entanto, mesmo com as insatisfações derivadas do carnaval de 1946 a Prazer da Serrinha conseguiu reunir sua Ala de Compositores e sair no Carnaval de 1947 com o samba enredo composto por Silas de Oliveira de Mano Décio da Viola colocando-se em sétimo lugar⁵. Mas, os descontentamentos aliado aos resultados deixou, “feridas que já não eram mais cicatrizáveis, tanto que muitos componentes haviam deixado de desfilar”⁶ no carnaval de 1947. A insatisfação que já estava acumulada, ganhou proporção gerando um movimento de dissidência dentro da escola de samba.

Segundo os integrantes da escola de Samba Prazer da Serrinha, os embates com a presidência da agremiação eram geradas pelo despotismo de Alfredo Costa que agia

⁴ O samba composto também era a Conferência de São Francisco, conhecido popularmente por Conferência da Paz, ou a Paz Universal.

⁵ CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Lumiar, 1996.

⁶ VIANNA, Luiz Fernando. *Geografia Carioca do Samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

como se fosse dono da escola. No entanto essa não era uma característica exclusiva da Serrinha esse modelo de administração “sempre esteve presente nas várias agremiações carnavalescas.” (Vasconcellos: 1991 36). Agremiações fundadas e conduzidas por donos eram práticas da época que podiam causar crises ou não. Segundo Vasconcellos a questão da cisão da Serrinha não teve fundamento somente no autoritarismo de Alfredo Costa, como afirmam os integrantes da escola de samba. Apesar dos discursos locais sobre a fundação do Império Serrano mencionar somente os embates contra o autoritarismo de Alfredo Costa, Vasconcellos afirma que:

Na verdade a prazer da Serrinha nunca chegou a empolgar os seus integrantes o que deve ter minado a sustentação do todo poderoso Alfredo Costa. E afinal um grupo mais lúcido, consciente e ávido de sucesso, desgarrou-se da matriz, criando com elementos de outras agremiações e sambistas avulsos, uma nova entidade que nasceu revolucionando e até modificando o cenário das escolas de samba no Rio de Janeiro. (Vasconcellos: 1991, 37)

Se a questão dos descontentamentos com a administração arbitrária de Alfredo Costa não foi a única a levar a fundação de outra agremiação é, no entanto o lugar ao qual se cristaliza os discursos locais. Na memória local há um embate entre um passado que se quer romper, representado pela arbitrariedade e um movimento em direção a democracia. Após a fundação do Império Serrano a democracia é inserida nos discursos que explicam e legitimando o processo para a sua fundação. A busca de um espaço democrático insere-se nos discursos de seus integrantes como um objetivo que legitima a dissidência, na direção da construção de um mito fundador para a nova escola de samba.

Após o carnaval a idéia de se fazer uma nova escola diferente dos modelos praticados e testemunhados pelo grupo de pessoas, ganhou forma. Com reuniões na casa de Antonio Pedro e Simplícia, uma das irmãs Oliveira, as discussões sobre os rumos para a fundação e sustentação da nova escola tiveram início. Na reunião geral realizada em 23 de março de 1947, na casa de Eulália do Nascimento, irmã de Simplícia e Sebastião de Oliveira, no alto do morro da Serrinha, a fundação da nova escola de samba, se deu de fato. Com a união dos dissidentes da Escola de Samba Prazer da Serrinha, Unidos da Congonha e Unidos da Tamarineira, formou o GRES Império Serrano, como nos diz a letra da música:

*Menino de 47
de ti ninguém esquece
Serrinha, Congonha, Tamarineira
nasceu o Império Serrano
o reizinho de Madureira
Só se falava da Portela
da Estação Primeira de Mangueira
seu padrinho São Jorge, Santo Guerreiro
que lhe deu prestígio e glória
pra sambar o ano inteiro
Foi mais uma estrela que apareceu*

Nos anos iniciais eram os moradores quem produziam toda a apresentação da escola de samba. Cada pessoa se comprometia a fazer uma parte, na casa de Dona Maria Joana se costurava a fantasia da bateria e a roupa do mestre-sala que, naquela época, era seu filho. Dona Vilma Machado, nos conta sua inserção no GRES Império Serrano através do cotidiano da casa de sua madrinha Dona Maria Joana. Como afilhada, ainda pequena, Dona Vilma fora inserida na atmosfera cotidiana que se instalava na casa de sua madrinha, ajudando nos trabalhos de costura, sendo levada a desfilas nas alas. Aos 15 anos de idade alcançou posto de destaque, como porta-bandeira, eleita aos 17 anos, rainha das escolas de samba. Dona Vilma nos conta como se deu sua aproximação ao GRES Império Serrano:

Com a minha madrinha e minha avó Maria Joana, ela que me levava, sabe? Mandava a gente ficar sentadinha pra aprender a costurar a bateria do Império. A casa ficava cheia ali no morro, aí dali eu comecei a sair. Ela fazia aquelas roupas, sobra né? Antigamente era assim, não tinha muito negócio de luxo. Era de veludo e cetim, usava muito né? Aí comecei a sair aos 15 anos, saía na ala com 12 anos, aí com 15 fui pegar a bandeira aí fiquei. Aos 17 anos eu fui rainha das escolas de samba. (VILMA:2010)

O carnaval em si mobilizava a comunidade em torno da Escola de Samba, mas as festas durante o ano, eram espaços de lazer local e formas de angariar fundos para a confecção do carnaval. Através das feijoadas e rodas de samba, a quadra da Escola de Samba se firmava como espaço de lazer local, no qual, a comunidade participava e ajudava de formas diferentes a fazer o carnaval, seja pela organização direta ou pela simples presença. Havia a liderança de pessoas que tomavam para si a organização das festas, mas a mobilização da comunidade era fundamental para que estas acontecessem, Tia Eulália era um exemplo desta liderança que “ia à casa do pessoal chamando para ajudar, e todo mundo ia ajudar com o maior prazer.” (VILMA 2010) Neste sentido a confecção do carnaval passava por etapas durante o ano, de arrecadação de tributos que,

ao mesmo tempo, gerava uma relação de união entre os moradores e a Escola de Samba, como fica expresso nas palavras de Dona Vilma:

Tinha feijoada, a gente carregava água⁷ pra poder fazer as feijoadas com aqueles panelões, né? Aqueles doces da lata de doce de leite. E era assim, aquela união e pobreza e assim nós tínhamos aquela união.
(VILMA 2010)

A união entre os moradores forja a construção dos elos coesivos e, portanto, de movimentos identitários. A cultura no morro da serrinha estaria em articulação entre as práticas e os discursos. As práticas culturais que giram em torno do carnaval, são pontos de interseções para a compreensão do processo de construção de identidades o reconhecimento de identidade para a região da Serrinha. A comunidade em suas práticas culturais encontrou uma forma de tornar-se visível, no tocante a sua existência como grupo, na sua forma institucionalizada, representada pelo GRES Império Serrano.

Memória e identidade:

As memórias construídas coletivamente são processadas como “marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis.” (POLLAK: 201) Nas nossas entrevistas e de alguns pesquisadores sobre o Império Serrano o fato narrado como determinante para fundação da nova escola e o seu poder amalgamador no morro foi à luta por um espaço democrático. Nos anos subseqüentes a fundação da escola, os próprios fundadores produziam esse discurso legitimador para o Império Serrano. Ainda hoje encontramos na narrativa sobre a fundação do Império Serrano, a reprodução do mesmo discurso dos anos iniciais. Palavras são repetidas dentro de um vocabulário, onde a dissidência de um espaço de arbitrariedade representado pela Escola de Samba Prazer da Serrinha dá lugar a um espaço democrático com o Império Serrano.

Neste caso podemos dizer que, para além da questão cronológica, com a sequência de resultados negativos que acabou por desgastar a participação dos

⁷ Segundo Dona Vilma, ainda nesta época não havia água encanada no morro, o abastecimento era feito através de uma bica situada no pé do morro, onde os moradores com suas latas pegavam a água.

integrantes na agremiação, houve um movimento de busca de um lugar diferenciado que posteriormente fora utilizado como base para a consolidação da identidade local. Entendendo os “lugares da memória, como particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico.” (Pollak. 1992)

As práticas culturais que giram em torno do carnaval, são pontos de interseções para a compreensão do processo de construção de identidades o reconhecimento de identidade para a região da Serrinha. A comunidade em suas práticas culturais encontrou uma forma de tornar-se visível, no tocante a sua existência como grupo, na sua forma institucionalizada, representada pelo GRES Império Serrano.

Referências

BOY, Dyonne Chaves. *A construção de um centro de memória na Serrinha*. Rio de Janeiro: dissertação de mestrado profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais – FGV/CPDOC, 2006.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural*. Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico* In: Estudos históricos, Vol. 08, nº16. Rio de Janeiro, 1995.

_____. *Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados*. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

_____. *Geografia Cultural, Festa e Cultura Popular: Limites do Passo e Possibilidades do Presente*. In *Espaço e Cultura – Nº 15*- Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC (janeiro-junho- 2003).

GANDRA, Edir. *Jongo da Serrinha: do terreiro aos palcos*. Rio de Janeiro: GGE, 1995.

MACHADO, Vilma dos Santos. Entrevista concedida a Alessandra Tavares de S. P. Barbosa. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2010. DVD.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. Depoimentos para Posteridade – Império Serrano.

NORA, Pierre. Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares. In: *Projeto e História*. São Paulo, 1993.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, 1992.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro. O vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SOIEHT, Rachel. *A Subversão Pelo Riso: estudos sobre o carnaval carioca da belle époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora fundação Getúlio Vargas, 1998.

TIA EULÁLIA: O Império do Divino. Direção de Erick Oliveira. Rio de Janeiro: Plano Geral Filmes, 2007. DVD.

VALENÇA, Rachel & VALENÇA, Suetônio. *Serra, Serrinha Serrano: O Império do Samba*. José Olympio, 1981.

VELLOSO, Monica Pimenta. “As tias Baianas tomam conta do pedaço. Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro.” In. *Estudos Históricos: cultura e povo*. Rio de Janeiro, 1990

VIANA, Luiz Fernando. *Geografia Carioca do Samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ, 1995.